**A Literatura Enóquica**

**Apresente o modo como a literatura enóquica influenciou o futuro do desenvolvimento da teologia judaica e cristã. Aponte as ideias ou conceitos próprios da literatura enóquica que foram mais importantes nesse processo.**

O livro de Enoque teve influência direta no desenvolvimento posterior da teologia judaica e cristã em vários dos seus aspectos. Destacamos aqui três conceitos ou ideias importantes nesse processo: o angelomorfismo, o demoníaco e a misoginia. Podemos perceber que a Literatura Enóquica é fundante para o entendimento da construção hierárquica celeste, humana e demoníaca.

Angelomorfismo é um conceito utilizado por alguns pesquisadores do judaísmo do Segundo Templo para designar a transformação ocorrida em certos personagens em anjos ou seres divinos, por meio de divinação derivada do próprio Deus. Encontramos personagens do Antigo Testamento e em textos extracanônicas como Moisés, Melquisedec, Enoque e outros com características angelomórficas. Collins chega a falar em um tipo específico de apocalipse, a *viagem ao céu*, que é marcado por especulações cosmológicas. O visionário é levado até regiões celestiais e contempla a organização cósmica, as funções dos anjos e o templo celestial e o trono de Deus. Através dessas experiências, o visionário além de ter acesso a uma sabedoria superior, ele passava por transformações angelomórficas.

É o que aconteceu também com Enoque. Sua visão celestial ocupa mais da metade de todo o Livro dos Vigilantes. Ela principia com a ascensão aos céus. Ele então atravessa uma casa que era ”quente como o fogo e fria como a neve” e então outra casa, maior, que era feita de uma língua de fogo. Aqui, ele vê um alto trono, sob o qual correm rios de fogo. Nele se assentava “Aquele que é grande em glória, cujas vestes são mais brilhantes que o sol e mais brancas que qualquer neve”. No capítulo 17, Enoque principia seu *tour*, guiado pelos anjos. Os locais que ele visita são localizados, em sua maioria, nas extremidades deste mundo, mas são inacessíveis a qualquer outro ser humano.

O Angelomorfismo apresenta uma dimensão transcendente e espiritual da cria~]ao em vários graus de acordo com cada texto, ainda que sempre subordinada ao único deus Yahweh, em relação/contraste ao politeísmo de deuses pagãos. Tudo indica que o Angelomorfismo é a versão judaica de tais deuses. Mas a afirmação de que homens transformados são anjos/deuses implica em divindade derivada do próprio único Deus criador. A partir de Enoque, é recorrente a angelomorfização de muitos santos no judaísmo tardio e no cristianismo primitivo nas suas viagens celestiais.

Um exemplo clássico é o caso de Paulo de Tarso no momento da sua conversão. Jesus nasce homem, mas é também celestial. Ele que sempre ocupou a centralidade nas histórias das escrituras em diferentes aparições (teofania). Ele possui atributos divinos transcendentes que podem ser compreendidos dentro do conceito de Angelomorfismo. No livro de Hebreus, por exemplo, Jesus é visto como maior que os anjos, dessa maneira existe um afastamento dele com os anjos, caso que se constrói na literatura henóquica.

No conceito de demônio, podemos estabelecer uma linha de continuidade e a construção teológica entre a ideia do mal e o conceito de demônio presentes no judaísmo tardio e no Novo Testamento. A princípio, o mal e o bem provinham de Iahweh, até por causa da crença monoteísta diante de outras divindades estrangeiras, muitas identificadas com o mal. Assim, encontramos no livro de Lamentações 3.38 o seguinte: *“Acaso não procede do Altíssimo assim o mal como o bem? ”* Vários textos do Antigo Testamento chegam a colocar satã como o lado mau de Iahweh ou um seu agente para praticar o mal, restrito às relações entre os próprios humanos.

Aos poucos, Iahweh foi sendo identificado apenas com o bem, e o mal, diante disso, teria, assim, uma origem diferente. Essa origem era vista como sendo incorporada a satã, antagonista de Iahweh. O cativeiro da Babilônia (587 a.C. – 538 a.C.) provou mudanças significativas no modo de ver o mal no Antigo Testamento com uma influência decisiva para a formação de uma demonologia mais definida no judaísmo. Os caldeus desenvolveram uma riquíssima demonologia – legiões de entidades semidivinas em cinco classes, cada uma com “sete demônios” e cada classe com seus atributos distintos, apesar de não consistirem necessariamente em espíritos malignos.

Pouco a pouco, foi surgindo a noção de uma esfera organizada do mal, hostil à soberania de Iahweh. Ali os seres do mal operam como anjos de satã para afastar os homens da convivência com Deus. Assim, a ideia do “demônio” entre os judeus só se define após o Exílio. Já nos séculos II a.C. e I d.C. encontramos uma vasta literatura apocalíptica com espíritos malignos que se arvoram em contrariar os desígnios do Criador. Neste período, surge o primeiro livro de Enoque que se destaca dentre vários outros livros extracanônicos. Nele encontramos o Mito dos Vigilantes sistematizando a demonologia judaica. Finalmente, fez-se uma construção teológica com base na cisão no céu, para explicar a origem dos demônios sem colocar em dúvida o papel de Deus como criador de toda criação.

A importância de 1 Enoque para o Cristianismo é quase inquestionável, pois há, por incrível que pareça, nos livros canônicos até mesmo uma citação direta a Enoque (Judas 14-15). A influência – que não somente pressupõe uma utilização material de uma cópia do texto de Enoque, mas também de apropriação e presença imaginária – da literatura apocalíptica na epístola de Judas levou o importante pesquisador Nickelsburg a afirmar que a epístola de Judas tem especial aproximação com o enoquismo e outras tradições não canônicas.

Trataremos a misoginia com maiores detalhes na questão seguinte, sobre o Mito dos Vigilantes.

**Descreva como o *Mito dos Vigilantes* penetrou no Novo Testamento e como foi esse processo de recepção. Aponte o modo como o Mito dos Vigilantes influenciou o cristianismo primitivo aludindo passagens bíblicas que lhe façam referência.**

O Mito dos Vigilantes, que integra o livro de Enoque I, afirma que anjos, nomeados por Deus para “vigiar” o Universo, decaíram do céu e perderam sua glória celestial, a partir do desejo carnal que estes “filhos de Deus” sentiram pelas mulheres humanas, conforme descrito em Gênesis 6. Uma outra versão conta que duzentos anjos, induzidos por seu chefe Semeiaza, fizeram um pacto para violar a ordem divina, coabitando com mulheres humanas, produzindo uma raça de bastardos, os gigantes conhecidos como *nephilim*, que gerariam, depois de mortos, os espíritos demoníacos que passaram a habitar a terra. Esses anjos decaídos foram a origem da violência entre os seres humanos.

Nos últimos séculos antes da nossa era, aparecem doutrinas de caráter escatológico nos numerosos Apocalipses, popularizando a fé na recompensa e no castigo após a morte e evidenciando uma maior incidência mística, na medida em que se intensificava o estado emocional coletivo provocado por guerras, calamidades e privações. Percebemos nos evangelhos sinóticos que, na Palestina à época de Jesus, havia uma proliferação demoníaca sem precedentes, em uma verdadeira guerra cósmica. O melhor exemplo disso no Novo Testamento é o Evangelho de Marcos que nos chama a atenção pela grande quantidade de exorcismos praticados por Jesus. Para Marcos, Jesus vive num confronto direto com Satanás.

Alguns autores chegam a defender que o Cristianismo Antigo nasceu como um movimento apocalíptico dentro do judaísmo. Existe, por exemplo, uma verdadeira interdiscursividade e intertextualidade entre desses textos apocalípticos apócrifos e os textos do Novo Testamento que revelam violência (s) simbólica (s) contra a mulher. A tradição judaica do Segundo Templo em geral e as obras cristãs posteriores mostram como a mulher foi alvo de grande preconceito, chegando, em alguns momentos, a ser vista como uma aliada das forças malignas. E a ancestralidade dessas doutrinas está no Mito dos Vigilantes e outros textos apócrifos.

Assim, a literatura bíblica neotestamentária depende diretamente, em algumas partes, das imagens do Mito dos Vigilantes, como Judas 6; 1 Pedro 3,19-20 e 2 Pedro 2,4 e 9. E mais especificamente sobre o perigo representado pela mulher, como em 1 Co 11, 10; 1 Tm 2,9-11; 1Pd 3,3-4 e Ap 9,1-11. 12,9. Em 1 Tm 3,11 a mulher não deveria ser maldizente (em grego provém da mesma palavra para diabo). Em 1 Tm 2,12-15, mesmo que se remonte a narrativa de Adão e Eva, ainda traz a figura perigosa da mulher, por isso deveria ficar calada, e se limitar a maternidade, para sua salvação. Em 1 Pe 3,3-4, os enfeites e adornos são colocados em segundo plano, para que a modéstia e submissão sejam prioridades.

É nítida a relação intertextual entre Judas e 1 Enoque. Aquele utiliza a história deste, de anjos aprisionados por causa de suas ações libertinas, para mostrar como Deus tem uma justa condenação para os infiéis. Mais à frente, a mesma epístola de Judas, para condenar a maneira como aqueles falsos mestres tratavam os seres celestiais, cita no nono versículo outro apócrifo judaico, Assunção de Moisés, no qual até Miguel agiu respeitosamente ao lutar com o Diabo pelo corpo de Moisés.

A misoginia está intrinsecamente ligado ao medo que rodeia a imagem da mulher que perpassou a Antiguidade, marcou a Idade Média e nos chega até os dias presentes em várias culturas, inclusive a nossa, a partir das Escrituras. O que gera toda a desgraça do mundo, segundo o Mito dos Vigilantes, e funda a cultura do caos é a beleza da mulher. Esta serviu de desestabilização da ordem cósmica. Em Gênesis 3, é através da primeira mulher que se introduz o primeiro ato de desobediência às ordens de Deus. Segundo Collins, o mito pode ser lido em momentos diferentes da história e aplicado em diferentes momentos de crise social, guerras e cataclismos. Na história da recepção do Mito dos Vigilantes, novas imagens aparecem dando à narrativa novos contornos. Contudo, as figuras centrais são preservadas e a mulher é sempre demonizada.

Por aí, podemos começar a compreender a centralidade do sexo ligado à mulher no viés de várias crenças religiosas de origem semita, inclusive entre os cristãos. Não dá para separar o mal e o demônio, de um lado, e a mulher e seu poder sedutor, de outro. Se a beleza da mulher é a responsável e a culpada da queda dos anjos, ela continua perigosa para todos os humanos e por isso sua ação e sua liberdade precisam ser controladas. Podemos concluir que o Mito dos Vigilantes Mito influenciou fortemente o cristianismo primitivo e continua firme e forte no inconsciente sócio-religioso das sociedades ocidentais.